

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

FABRICIO DA FONSECA

***UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO DA DANÇA BREAKING COM
ALUNOS SURDOS***

MATINHOS

2017

FABRICIO DA FONSECA

***UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO DA DANÇA BREAKING COM
ALUNOS SURDOS***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Setor de Litoral, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo S. da Silva

MATINHOS

2017

TERMO DE APROVAÇÃO

FABRICIO DA FONSECA

Uma Experiência com o Ensino da Dança Breaking com Alunos Surdos

Artigo apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física no curso de graduação em Educação Física, pela seguinte examinadora:

Prof. Dr. Fábio de Carvalho Messa
Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

Prof. Dr. Marcelo Silva da Silva
Orientador – Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

Matinhos, 27 de dezembro de 2017

Dedicatória

Aos meus pais naturais e na fé, professores, amigos que foram meus grandes incentivadores e que sempre acreditaram no meu potencial.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, saúde e forças para romper dificuldades.

A minha mãe por ter me amado, criado e incentivado mesmo com tantas dificuldades.

Aos meus pais na fé e amigos, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

A colega de sala Ester e sua filha Ana que deram todo apoio para realização do estágio e do trabalho.

A direção da escola Nydia Moreira Garcez que abriram as portas para a realização das aulas ministradas no IV estágio supervisionado.

A Intérprete da escola Sara que em todas as aulas, além de interpretar o que era dito, contribuía com ideias.

A Instituição UFPR pelo ambiente criativo e amigável oferecido durante o curso.

A todos os professores por me proporcionarem o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, pelo tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

EPÍGRAFE

“Quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender”.

Paulo Freire

UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO DA DANÇA BREAKING COM ALUNOS SURDOS

Acad. Fabricio da Fonseca

Orient. Prof. Dr. Marcelo S. da Silva

RESUMO: Este artigo apresenta o estudo realizado durante o processo de formação acadêmica em Licenciatura em Educação Física, destacando em especial minha trajetória com a Dança Breaking e, nos últimos semestres do curso, a experiência com o ensino dessa dança com estudantes Surdos. Nosso objetivo ao desenvolver a experiência de ensino foi: verificar as possibilidades e dificuldades de uma experiência de ensino da Dança Breaking para alunos surdos em uma escola estadual bilíngue na cidade de Paranaguá, PR. A metodologia adotada foi a pesquisa-ação ou pesquisa-formação, onde ao mesmo tempo que fomos planejando e implementando as atividades do estágio realizamos os registros de campo para a análise subsequente da experiência. A partir dos elementos encontrados dividimos nossa análise em quatro categorias: A Implementação da Proposta; Conhecimentos adquiridos; Dificuldades para Implementação do Ensino da Dança e Benefícios e Possibilidades da dança breaking para o aluno surdo. Como principais resultados podemos encontrar as seguintes questões: Ter uma proposta de ensino planejada, conhecendo as estruturas do local, os funcionários e o público alvo. Cada aula é um conhecimento adquirido diferenciado, seja na forma de se comunicar, quanto no ensino prático da dança que passou ao entendimento que somente vendo os movimentos, não significa que o aluno realmente aprendeu e entendeu. Dificuldades de trabalhar com um público não ouvinte com faixas etárias diferentes com coordenação motora distinta, bem como a falta de fluência em Libras. Benefícios e possibilidades da dança breaking para esse público que está diretamente ligada ao método em que o professor organizará as aulas e sua aproximação com essa modalidade de dança, com tópicos importantes que geraram um estágio supervisionado com alunos surdos, com sucesso.

Palavras-chave: Dança Breaking; Educação Física; Dança e Alunos Surdos.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o estudo realizado durante o processo de formação acadêmica em Licenciatura em Educação Física, destacando em especial minha trajetória com a Dança Breaking e nos últimos semestres do curso a experiência com o ensino dessa dança com estudantes Surdos de uma escola do município de Paranaguá – PR.

No ano de 2008 iniciei a prática da dança breaking em um local abandonado, na cidade de Paranaguá - PR, juntamente com um amigo de colégio. Com o passar do tempo fomos convidados a participar de um grupo de dança breaking Chamado “Freedom Art Crew”, o qual fazia apresentações em escolas, colégios e eventos na cidade. A Partir do ano de 2009, representava Paranaguá em campeonatos tantos internos (na cidade), quanto externos (outras cidades/estados), na categoria individual, dupla e grupo. Uma das conquistas foi na cidade de Joinville – SC, no evento em uma igreja chamada “Onda Dura” no ano de 2011, na categoria “dupla” no qual conquistamos o 1º lugar. Em 2012 na categoria “grupo” representamos Paranaguá no evento “Cidade vs Cidade” (Campeonato nacional) em Ribeirão Preto - São Paulo no qual conquistamos o 4º lugar.

No ano de 2013, em agosto quando ingressei na Universidade Federal do Paraná no Setor Litoral, inicialmente no curso de Gestão Desportiva e do Lazer, meu interesse foi pela gestão de projetos, pensando na possibilidade de focar esse tema na dança breaking. Conforme a graduação iniciou percebi que tinha bastante experiência com a dança, mas não sabia o que fazer exatamente com a dança na graduação. A ideia inicial começou em uma folha de papel onde a proposta era o “Breaking nas ruas”, e o objetivo era oferecer uma prática de dança breaking para os dançarinos que havia na cidade, pois muitas pessoas tinham sonho de dançar, mas paravam no caminho por diferentes motivos, entre eles, entrar no mercado de trabalho (sobrevivência), estudo, falta de tempo e lugares para praticar. Queria motivá-los a continuar no sonho. Porém, na prática, no primeiro momento apenas nos encontrávamos para dançar sem nenhum objetivo ou proposta muito clara, a prática era basicamente dançar sem uma organização ou proposta de como conduzir as atividades.

Ao fim do ano de 2013 fui incentivado por um amigo da sala a iniciar um projeto de ensino da dança breaking no módulo ICH (Interações Culturais e humanísticas), porém para isso precisaríamos ter um mediador, conversamos com o professor Marcelo S. da Silva, por ele ter conhecimentos na área de danças e ritmos.

No 1º semestre de 2014 foi aberto o Breakich, aula da dança breaking para os acadêmicos da UFPR Litoral e comunidade em geral, no Centro Cultural na cidade de Matinhos-PR. O ICH consistiu basicamente no ensino prático da dança, pois minha experiência era ensinar movimentos a dançarinos que já praticavam breaking, o detalhe é que nunca havia ministrado aula de dança para iniciantes, pessoas que

nunca haviam praticado dança inclusive. No primeiro dia participaram mais de 20 pessoas, o local era bem estruturado, grande espaço, espelhado, ideal para ensinar diversas pessoas dentro da sala. Durante o percurso das aulas começaram a participar alguns acadêmicos que faziam outras ICHs e o projeto foi sendo divulgado pelos alunos, logo após pessoas da comunidade ingressaram também.

Nessa primeira experiência senti muita dificuldade em ensinar, pois havia aulas que os alunos se dedicavam, mas faltavam em algumas aulas, tendo que retroceder as aulas para que todos pudessem estar evoluindo juntos. Ao mesmo tempo foi uma experiência benéfica, pois criamos um grupo no Facebook chamado BreakICH, um grupo particular onde era postado alguns vídeos e documentários e o projeto começou a ser divulgado para mais pessoas, em Paranaguá e na faculdade, através de redes sociais e pelos próprios alunos. A proposta era realizar uma apresentação ao final da ICH naquele semestre, porém, pela nossa inexperiência ainda em conduzir o processo e falta de comprometimento de alguns alunos, não foi possível realizar a apresentação.

A partir dessas experiências e das dificuldades encontradas, procurei aprofundar meu estudo, aperfeiçoando o projeto, seguindo as indicações que o mediador sugeria, Este processo de pesquisa e reflexão continuou por mais um ano, onde consegui avançar o PA (Projeto de Aprendizagem), que era inicialmente *Breaking nas Ruas*, naquele momento sem muito aprofundamento e sem objetivos mais claros ou operacionais, para um projeto de ensino teórico e prático da dança breaking nas cidades de Paranaguá e em Matinhos.

Este processo me preparou para um caminho de professor na área, pois em 2015 tive a oportunidade de migrar para o curso de Licenciatura em Educação Física. Já no segundo semestre deste ano oferecemos uma nova edição do BreakICH, dessa vez bem mais estruturado e com maior experiência foi possível inclusive realizar uma apresentação final com o grupo no Festival de Interações Culturais e Humanísticas.

Em 2016 fui organizador e jurado de batalhas de breaking no 1º Evento “Jump in The Hip Hop Festival” de danças urbanas da igreja Unindo Gerações, contendo batalhas, apresentações de danças urbanas.

Nesse mesmo ano, fui convidado a oferecer uma oficina no módulo de Atividades Rítmicas e Expressivas para os estudantes da turma 2015 do curso de Educação Física, e em 2017 novamente ofereci a oficina aos estudantes de 2016.

Em 2017, convidado pelo grupo de danças urbanas “Maniacs Crew” da cidade de Joinville – Santa Catarina a compor a “Noite de Gala de 35 anos do Festival de Danças de Joinville”, uma das noites principais do festival, considerado como um dos maiores do mundo, sendo o primeiro e até o momento o único da cidade de Paranaguá a compor a noite na modalidade de dança breaking. Nesse mesmo ano fui convidado a realizar a oficina de dança breaking no módulo ICH de Práticas Corporais, na UFPR litoral.

Ao longo de toda essa trajetória sempre procurei conhecer e pesquisar mais sobre a Dança Breaking e suas possibilidades, em uma oportunidade pesquisando vídeos sobre a dança encontramos a experiência desenvolvida por pessoas com necessidades especiais através do breaking (pessoas com deficiências físicas naquele momento), o contato com esse trabalho me motivou a pensar mais sobre como poderia ser ensinada a dança breaking para diferentes públicos com diferentes necessidades especiais. Com essa motivação, ao iniciar a procura por um local para realização do Estágio Curricular Supervisionado IV, tive conhecimento de que na cidade de Paranaguá – PR, havia uma escola especializada no ensino de pessoas surdas, com esse conhecimento fiz os primeiros contatos e consegui o estágio na escola, onde realizei o estudo que hora apresento.

A proposta está embasada na realização de projetos anteriores, que comentei acima, onde aprofundamos o conhecimento teórico, com fontes diretamente ligadas ao início da trajetória da dança Breaking e da cultura hip hop no Brasil. E, ainda pela experiência realizada ao introduzir o ensino básico, teórico e prático da dança breaking no litoral do Paraná, nas cidades de Paranaguá e em Matinhos (UFPR).

No que diz respeito às contribuições para formação acadêmica, a pesquisa trata de um tema extremamente significativo e pouco explorado ou vivenciado pelos estudantes, o ensino da dança e da apropriação de conceitos culturais por seus participantes, em especial nesse caso, alunos Surdos de uma escola estadual bilíngue da cidade de Paranaguá-PR. Além disto, a relevância social do projeto está na promoção de uma atividade de lazer e cultura capaz de desenvolver habilidades psicomotoras e socioculturais.

Dessa forma nosso objetivo geral do estudo foi verificar as possibilidades e dificuldades de uma experiência de ensino da Dança Breaking para alunos surdos em uma escola estadual bilíngue na cidade de Paranaguá, PR.

Como objetivos específicos, podemos destacar: implementar uma proposta de ensino da dança breaking em uma escola que atende estudantes surdos; Verificar o conhecimento adquirido por parte dos estudantes e do estagiário ao longo da sua implementação; Identificar as dificuldades para implementação do ensino da dança com os estudantes Surdos; Elencar os benefícios da prática desta dança com os estudantes participantes.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Como fundamentação inicial do trabalho procuramos descrever brevemente as origens da Dança Breaking, sua trajetória no Brasil e na sequência abordamos um pouco sobre a Educação dos Surdos e a Educação Física e seu papel na formação do Surdo e Dança para esse público.

2. 1. A Dança Breaking

DONALD (2002), apresenta o Hip hop como uma cultura que iniciou no Boogie Down Bronx. Os elementos do hip hop tratam-se como música, Rap, a Arte do Graffite, bboys e bgirls, também lida com a cultura da sociedade. É um movimento inteiro lidando com: conhecimento, sabedoria e compreensão, paz, união, amor e diversão (BAMBAATA, 2002). Hip hop é o nome da inteligência pura, dos viventes dessa cultura (ONE KRS, 2002). Não se pode dizer que uma pessoa o inventou, por que foram vários que iniciaram a dança, na “OldSchool” (Velha escola), na sétima série. (Spy, 2002).

Antes de entrar de cabeça na música, Afrika Bambaataa era líder de uma das mais temidas gangues do Bronx – NY, a “*Black Spades*”. Como pôde acompanhar de perto a realidade de um jovem que acaba entrando neste mundo, ele decidiu fazer algo para ajuda-los, pois pelo processo de andamento, os jovens se acabariam em brigas de gangues.

Em 1973 quando ele estava mais famoso, decidiu fundar uma ONG que ajudassem os jovens por intermédio da cultura hip hop, conhecida como *Zulu Nation* (SILVA, 2011). No início da ONG, ele já dominava com maestria os três elementos fundamentais do hip hop, o Break, Discotecagem e Graffiti, e através de seus dons, atraiu os jovens, que logo viram que a “vida de rua” não era tudo, e cresciam no

mundo musical. Nas reuniões da ONG, os jovens, além de aprenderem sobre música, também eram submetidos a “aulas” que explicavam sobre economia, prevenção de doenças, etc. Mas existia um problema, eles estavam limitados a uma determinada região, pois as reuniões aconteciam dentro de um ginásio escolar.

Foi aí que, junto com DJs “KoolHerc” e “Grand Master Flash”, criaram o Movimento Cultural Hip Hop, que tinha cinco elementos como princípios. MC, DJ, B.Boy, Graffiti e o Conhecimento. O Hip-Hop logo se popularizou pelo mundo e sua cultura ficou evidente por onde passou.

Apesar do Hip Hop ter crescido e hoje ser conhecido no mundo inteiro, a ONG Zulu Nation continua seus trabalhos e possuem filiais no mundo todo. No Brasil a sede da ONG fica localizada em Diadema – São Paulo (SILVA, 2011).

Clive Campbell mais conhecido como DJ. Kool Herc é o Padrinho do hip hop, porque ele fazia o graffiti, trouxe também a música e o crew (grupo) dele dançava. Então quando citam que ele é o padrinho do hip hop está correto (TONE, 2002).

Quando Kool Herc fazia uma festa todos estavam lá (CAMPBELL, 2002). Ele é o primeiro grande dj do Bronx. As suas mix deixavam os dançarinos inspirados, tendo reconhecimento até o ponto onde que todos queriam ir à festa dele. (MEL, 2002). *Segundo KRS ONE (2002)*, Ele tocava em um prédio de nome Sedgwick Ave no Bronx”.

Costumava tocar uma parte do disco que era conhecida por "Break down" e é por isso que as músicas dançadas se chamam de break beats, onde toda parte que tinha esse break down, retirava-se a música narrada e ficava só a batida, era tão empolgante que os dançarinos quando a escutavam, enlouqueciam (CAZ, 2002).

Kool Herc (2002) chama essa parte da música de Carrossel porque estava levando o carrossel para trás e para frente, sem dar folga. Esse foi o nascimento do hip hop (Mexendo os Quadris).

2.1.2 Dança Breaking: Origem do B.Boy

Nas festas de Kool Herc aconteciam rodas em que os dançarinos esperavam o break down da música para iniciar a sua dança, na seleção dos breaks discos, surge então o B-boying que é a manifestação corporal do hip hop.

Segundo SANTOS, (2011), o B.boying surgiu no Bronx, em meados dos anos 70, a partir do break beat, que é a parte instrumental dos discos de funk e jazz, onde

os DJs aumentavam os breaks por serem muito curto e quem dançava no break da música era chamado de b.boy ou b.girl.

A palavra Bboy originou-se de Kool Herc, significando Break boys, Beat boys ou Bronx boys, da mesma maneira para as meninas que dançavam: Break Girls, Beat Girls ou Bronx Girls (LEGS, 2002). Kool Herc (2002), afirma que os Bboys não vieram exatamente do break disco, mas, vem de “Este cara Quebrou”, chegou a um ponto de “Quebrar” (Break), então usavam o exagero do termo para classificar como Break boys. Porém até essa época a dança breaking era praticada em cima conhecida como “*Toprock*”.

Haviam dois irmãos Keith e Kevin conhecidos como “*The Nigga Twinz*” no qual foram os primeiros a descerem a dança breaking para o chão também conhecido como *Footwork*: *quando descíamos no chão, não nos sujávamos, não dançávamos em cima de linóleo, e não dançávamos em cima de papelão, mas dançávamos no cimento* (KEITH, 2002).

Para TRAC 2 (2002), A dança breaking no chão não surgiu até o final de 1974 e 1975”. O Breaking era conhecido como Underground (Subterrâneo), até Kool Herc levar seu som para fora do estabelecimento (1974, 1975), todas as festas/danças dentro de casa, clubes, corredores, foram para as ruas, com isso obtendo encontros que envolviam pouco a pouco outras nacionalidades, não sendo apenas da Afro - Americana, pois os Hispânicos começaram a dançar também, Porto Riquenhos que iniciaram o breaking com movimentos utilizando as costas. “*Batch*” conhecido como um dos primeiros B.boy’s Hispânicos. Com as iniciações de grupos de b.boys e bgirls, que ocorriam batalhas, onde o espírito competitivo que fez a cultura se sobressair (FABEL, 2002).

Por fim podemos resumir os principais fundamentos da dança break nos seguintes elementos: o Top Rock básico é composto por movimentos funkeados, influenciado pela salsa ritmo dançado pelos latinos, que faz parte da dança de Salão. Todos os movimentos no alto são considerados Top Rock desde que se dance segundo o ritmo break beat. Já os passos que caracterizam os Footwork’s são feitos no solo: é como sapatear só que no plano baixo; alguns de seus movimentos saíram do Top Rock, outros da capoeira e da arte marcial. Os Freezes significam congelar a sua imagem, 8 compreendendo desde parar em determinado movimento, até a execução de manobras, o Freeze básico mais conhecido é o Baby Freeze.

O hip hop dance surgiu em São Paulo, com as primeiras manifestações de b.boys por volta de 1984, no centro da cidade, na estação São Bento do metrô (SANTOS, 2011). O B.boy Nelson Triunfo foi um dos primeiros a dançar Break nas ruas de São Paulo, onde formou o grupo Black Soul Brothers (VALDERRAMAS e HUNGER, 2007). O Break ganhou espaço também através de uma companhia de dança de rua chamada de Funk e Cia. Em 1999 aconteceu o primeiro campeonato brasileiro de Breaking que contou com a participação de muitos grupos, mas que em seu ano seguinte (2000) contou com mais de 30 crews de todo o país mostrando que o Breaking está em todo o Brasil.

2.2 Os Surdos e sua história

2.2.1 O reconhecimento da Comunidade Surda

Para falar sobre educação física e surdos, primeiro é necessário entender qual a história dos surdos, pois o estudo do passado é importante para entendermos a situação atual. O estudo do passado nos ajuda a compreender o presente e para isso está sendo relatado aqui, alguns momentos históricos analisados pela pesquisa de Strobel (2009).

O conceito de Povo Surdo e a Comunidade Surda:

O povo surdo é um grupo de sujeitos surdos que tem costumes, história, tradições em comuns e pertencentes às mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua concepção de mundo através da visão. A comunidade surda, na verdade não é só de surdos, já que tem sujeitos ouvintes junto, que são família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em um determinado localização que podem ser as associações de surdos, federações de surdos, igrejas e outros. (STROBEL, 2009, pg. 6)

Strobel (2009), procura entender e descrever como os Surdos foram compreendidos e como ao longo da história eles foram se constituindo como sujeitos de direitos e pertencentes a uma comunidade.

Remetendo ao contexto histórico, mais precisamente na idade Antiga, os surdos eram vistos como pessoas sem valor para a sociedade, as quais podem ser facilmente observadas com as análises apresentadas por Strobel (2009).

Pois, na Grécia, os surdos eram considerados inválidos e muito incômodos para a sociedade, por isto eram condenados à morte, lançados abaixo do topo de rochedos de Taygète, nas águas de Barathere, sendo que os sobreviventes viviam miseravelmente como escravos ou abandonados.

Na Roma não era diferente. Acreditam que se tratavam de pessoas castigadas ou enfeitiçadas, justamente por causa de sua deficiência. Por isso, muitas vezes eram abandonados ou, até mesmo, jogados em um rio da região, conhecido como Tigre. Só se salvavam aqueles que do rio conseguiam se salvar ou quando seus pais os escondiam (esta última hipótese era rara). Nesta sociedade, os surdos também eram escravos, sendo obrigados a passar toda a vida dentro do moinho de trigo empurrando a manivela.

Na Idade Média 476 a 1453, Strobel (2009), apresenta que não davam tratamento digno aos surdos, colocava-os em imensa fogueira. Os surdos eram sujeitos estranhos e objetos de curiosidades da sociedade. Também existiam leis que proibiam os surdos de receberem heranças, de votar e enfim, de todos os direitos como cidadãos. Os monges beneditinos, na Itália, empregavam uma forma de sinais para comunicar entre eles, a fim de não violar os rígidos votos de silêncio.

Na idade moderna, 1453 a 1789, a sociedade inicia seu processo de amadurecimento e de aceitação aos surdos. Apesar de não se tratar, ainda, da garantia ampla aos direitos dos surdos, parcela deles (aqueles que conseguiam falar) tinham o direito à herança.

Neste mesmo período, em estudos acerca da habilidade do surdo para a razão, realizados por Girolamo Cardano (1501-1576), médico e filósofo, acrescenta-se que: a surdez e mudez não é o impedimento para desenvolver a aprendizagem e o meio melhor dos surdos de aprender é através da escrita e que era um crime não instruir um surdo-mudo. Ele utilizava a língua de sinais e escrita com os surdos.

Ressalta-se, ainda, a fundação da primeira escola pública para os surdos “Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris” através de Abade Charles Michel de L’Epée (educador filantrópico francês do século XVIII, que ficou conhecido como “Pai dos surdos”), que treinou inúmeros professores para surdos, haja vista sua publicação sobre o ensino dos surdos e mudos por meio de sinais metódicos: “A verdadeira maneira de instruir os surdos-mudos”, o qual colocou as regras sintáticas e também o alfabeto manual inventado pelo Pablo Bonnet (padre espanhol, educador e pioneiro

na educação de surdos) e esta obra foi mais tarde foi completada com a teoria pelo abade Roch-Ambroise Sicard (abade francês e instrutor de surdos).

Em 1760 Thomas Braidwood (educador escocês, significativo na história da educação de surdos) abre a primeira escola para surdos na Inglaterra, ele ensinava aos surdos os significados das palavras e sua pronúncia, valorizando a leitura orofacial.

Idade contemporânea 1789 Abade Charles Michel de L'Épée morre. Na ocasião de sua morte, ele já tinha fundado 21 escolas para surdos na França e na Europa.

Já o ano de 1802, foi marcado pelo emblemático estudo de Jean Marc Itard (Médico e psiquiatra alienista francês), ocasião em que afirmou que o surdo podia ser treinado para ouvir palavras, além disso, ele foi responsável pelo clássico trabalho “garoto selvagem” elaborado em conjunto a Victor, considerando que o comportamento era semelhante à um animal por falta de socialização e educação. Apesar de não ter obtido sucesso com o “selvagem” na relação à língua francesa, mas influenciou na educação especial com o seu programa de adaptação do ambiente; afirmava que o ensino de língua de sinais implicava o estímulo de percepção de memória, de atenção e dos sentidos.

1857 foi fundada a primeira escola para surdos no Rio de Janeiro – Brasil, o “Imperial Instituto dos Surdos-Mudos”, hoje, “Instituto Nacional de Educação de Surdos” – INES, criada pela Lei nº 939 no dia 26 de setembro. Foi nesta escola que surgiu, da mistura da língua de sinais francesa com os sistemas já usados pelos surdos de várias regiões do Brasil, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

Em 1864, é fundada a 1ª universidade para surdos “Universidade Gallaudet” em Washington – Estados Unidos, um sonho de Thomas Hopkins Gallaudet realizado pelo filho do mesmo, Edward Miner Gallaudet (1837-1917) que foi escolhido para dirigi-la. Mas não foi só o ensino universitário que obteve importante conquista. Em 1880, o ensino infantil para surdos-mudos foi implementado com o alfabeto manual tátil, o qual mostrou resultados positivos, rendendo a Hellen (Cega, surda e muda), graus universitários, bem como a publicação de trabalhos autobiográficos através da professora Anne Mansfield Sullivan.

Nos anos 90, é fundado a CBDS, Confederação Brasileira de desportos de Surdos, em São Paulo- Brasil. Rompendo as barreiras, o surdo Silas Queirós teve seu

trabalho prestigiado, vindo a ser publicada a sua ilustração na capa da primeira revista da FENEIS.

Por fim, no ano 2000 tem-se a formação de agentes multiplicadores Libras em Contexto em MEC/Feneis, ocasião em que letras/libras começou a ser ministrada em nove polos.

A LIBRAS foi oficializada pelo Congresso Nacional em 24 de abril de 2002, conforme disposição da Lei nº 10.436/02, a qual contempla à comunidade surda e, também o ouvinte, a comunicação entre eles, bem como influenciou na criação de outras tantas leis que colaboram na educação dos surdos. Em seu art. 1º, parágrafo único, conceitua a Língua Brasileira de Sinais como "a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil". (BRASIL, 2002).

O Decreto-lei Nº 5.626 de dezembro de 2005, no capítulo II (da inclusão da Libras como disciplina curricular) dispõe que:

Art.3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (BRASIL, 2005).

Diante desta previsão legislativa, busca-se trazer mudanças significativas na educação dos surdos. Apesar da Libras tornar-se notória para a comunidade acadêmica, a falta de capacitação por docentes dificulta o processo educacional e relacional entre professor e aluno surdo.

2.2.2 A Educação Física e o Estudante Surdo

Aqui abordaremos um pouco sobre a importância da Educação Física Escolar e o seu papel no processo de inclusão de estudantes surdos, algumas dificuldades e suas possibilidades.

Para uma prática efetiva e reflexiva, centrada no processo ensino-aprendizagem e no estudante se faz necessária a capacitação profissional e assim o sendo, de forma análogo, é com o educador físico, devendo sua formação perpassar várias etapas desde as aulas

teóricas e práticas, incluindo a disciplina de Libras, vivências com alunos em atividades de estágios. (...) O Educador físico atua de forma direta com a sociedade, sendo de grande importância trabalhar de forma atrativa para que toda a população se sinta convidada a participar das diversas atividades físicas existentes, seja na dança [grifo nosso], lutas, atividades lúdicas e entre outras. (ALVES e PINTO, 2016. p. 03)

O Professor de Educação Física durante todo o período acadêmico recebe capacitação para um trabalho de forma inclusiva procurando ser, junto com o estudante, construtor do conhecimento, dinamizador do crescimento intelectual e pessoal, respeitando a limitação de cada pessoa não apenas as atividades físicas como a qualquer outro processo.

Segundo a pesquisa de Alves e Pinto (2016), compete ao profissional que concluiu sua graduação em Educação Física licenciatura, realizar com êxito a inclusão prevista nos dispositivos legais que garantem a todos a inclusão e o respeito àqueles dos grupos de risco dentre estes os surdos, como preconiza o Art. 14 do Decreto N° 5626 (BRASIL, 2005). O que indica que o professor pode atender estudantes com limitação auditiva, já que dentro da graduação obteve uma capacitação, além de dispor de cursos de capacitação em Libras.

Normalmente dizem que o surdo copia o que vê, pelo fato da falta da audição. Isso significa que quando um professor de Educação física propuser um exercício, ele vai executar de forma a repetir aquele exercício. Mas esse não seria o correto a ser realizado em uma aula, afinal a interação do aluno com o professor deve existir para se obter uma forma real de ensino, além que nesse caso a repetição de movimentos acaba por promover no aluno surdo um significado de diferença, o que não é o que os profissionais querem, nem o que os surdos precisam.

A intenção das atividades é incluir todos em uma prática de esportes, lazer, danças, entre outros, sem distinção e com a capacidade de comunicação com todos os públicos.

Assim, a área de Educação Física hoje contempla múltiplos conhecimentos produzidos e usufruídos pela sociedade a respeito do corpo e do movimento. Entre eles, se consideram fundamentais as atividades culturais de movimento com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções, e com possibilidades de promoção, recuperação e manutenção da saúde. (BRASIL, 1997, p.23). (ALVES E PINTO, 2016, p. 10)

O que o professor de Educação Física deve levar para a sociedade é a contribuição para uma educação para além do corpo, fazendo com que os alunos desenvolvam um caráter de criticidade sobre as diversas áreas. Esse é um dos propósitos do ensino da Educação Física.

2.2.3 A Dança e o Surdo

Diante da ideia de Freire (1991), o qual defende superação do corpo como mero objeto, passando à sua valorização como sujeito na sua totalidade, entende-se que o corpo não é dissociado da mente, ou seja, da cognição, do ato de pensar, o corpo ganhou uma importância para a formação do ser, surgindo, a partir daí, diversos estudos com o intuito de ampliar os conhecimentos sobre este instrumento humano e as formas de trabalho que o desenvolve, de modo a abrir novas discussões no meio de pedagogos, psicólogos, psiquiatras e artistas.

Ademais, segundo Rodrigues (2009, p.1) “a corporeidade implica a inserção de um corpo humano num mundo significativo, a relação dialética do corpo consigo mesmo, com outros corpos expressivos e com os objetos do seu mundo” Essas reflexões podem ser propiciadas pela dança, pois faz com que as pessoas se vejam como um corpo que se movimenta, que interage com os outros, e ainda, que pensa.

Sendo, neste contexto, que a dança passa a fazer parte da vivência do ser humano, haja vista a afirmação de Gaio e Góis (2005, p.15) acerca que a dança tem a possibilidade de acontecer quando se acredita que o ser humano, individualmente ou em grupo, podendo expressar uma ideia de forma não verbal “com o objetivo de atingir a sociedade como um grito de liberdade”, bem como Ossona (1988), de modo que os movimentos da dança ordenados em tempo e espaço, se tornam, durante a dança, uma válvula de escape, de uma vida cheia de conflitos que ainda não foi analisada. Se tornando uma forma de expressar os sentimentos como desejos, pesares, respeito e temor.

Buscando o auto-reconhecimento de corpo e mente, a dança para os surdos se torna um instrumento que possibilita a corporeidade através do desenvolvimento: da linguagem quando os faz se expressar através de movimentos, característica de extrema importância para eles; do entendimento sobre diversidade entendendo assim que todos possuem necessidades diferentes; da cognição se tornando um ser

pensante em todos os aspectos da vida; e da sua criatividade se tornando mais livres no seu processo de criação.

3 METODOLOGIA

A proposta metodológica do projeto visa estabelecer uma interlocução pedagógica, a partir do estudo sobre as práticas realizadas ao longo do estágio supervisionado desenvolvido no segundo semestre de 2017, assim, optamos por uma metodologia de pesquisa-ação, ou uma pesquisa-formação (JOSSO, 1999; JOSSO, 2004). Pois, "*quando falamos de pesquisa, estamos pensando em pesquisa-ação, isto é, uma ação em nível realista, sempre acompanhada de uma reflexão autocrítica objetiva e de uma avaliação dos resultados*" (BARBIER, 1985, p. 38). Como nosso objetivo era fundamentalmente aprender com o processo, não devemos ter medo de enfrentar as dificuldades de implementar ações e ao mesmo tempo aprender com elas. "*Não queremos ação sem pesquisa, nem pesquisa sem ação*" (BARBIER, 1985, p. 38).

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participante (THIOLLENT, 2003, p.14).

E ainda, do ponto de vista científico a pesquisa-ação é uma proposta metodológica e técnica que oferece subsídios para organizar a pesquisa social aplicada sem os excessos da postura convencional ao nível da observação, processamento de dados, experimentação, etc. Com ela, se introduz uma maior flexibilidade na concepção e na aplicação dos meios de investigação concreta.

Por fim, também podemos caracterizar, em parte, nossa metodologia como uma Pesquisa-formação (JOSSO, 2004), onde através das ações desenvolvidas no ensino da dança, nossas práticas pedagógicas provocam experiências formativas, pela necessidade de agir no contexto da aula e pela conseqüente reflexão sobre o vivido.

4. RELATO E ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA

A partir deste ponto será tratado a respeito da análise de experiências com o ensino da dança breaking para surdos, em uma escola bilingue, na cidade de Paranaguá, Paraná através do desenvolvimento no IV Estágio Supervisionado da graduação de licenciatura em Educação Física no de 2017. Uma análise sobre a Implantação da Proposta, os conhecimentos adquiridos, dificuldades para implementação do ensino da dança, benefícios e possibilidades da dança breaking para o aluno surdo.

4.1 A Implementação da Proposta

No dia 05 de setembro de 2017, a partir das 7h30m, estive conhecendo a Escola Bilingue “Nydia Moreira Garcez - CEDAP, localizada em Paranaguá/Paraná, para desenvolver minha atuação no IV Estágio Supervisionado da UFPR campus Litoral, lá fui recebido pela diretora da escola, entreguei a carta de apresentação do estagiário com os documentos do estágio. Essa escola trabalha com alunos surdos, estão totalmente ligados a formação desses alunos, pois alguns vieram com 2 anos de idades, onde desenvolvem a comunicação através da Libras. Ensinados por professores com formação também em Libras e com a comunicação fluente, também com professores surdos fluentes em libras.

A escola possui várias salas e dentre elas, há uma sala pequena com piso de madeira e espelho grande, local esse para utilização de ensino de danças, *pois no momento que liga uma música pelo som, os alunos imediatamente sentem a vibração*, segundo comenta a diretora da escola. A escola também possui uma quadra coberta e um espaço para plantio de verduras e frutas. Uma situação que logo de cara chamou a atenção foi que o sinal para os alunos entrarem ou saírem das salas, é através de uma lâmpada vermelha que apaga e acende, não havendo o característico som de alarme das escolas tradicionais.

A proposta foi de nos primeiros dias, conhecer a escola, estrutura, profissionais e alunos e trazer o ensino da dança breaking tanto no teórico como no prático, por se tratar de um novo desafio como profissional em Educação Física, como na dança breaking, que cada vez está se tornando mais uma especialidade de trabalho. Este

trabalho do ensino da dança iniciou no dia 28 de setembro e encerrou no dia 21 de novembro, pois fazia o estágio uma vez por semana, no período da manhã.

No horário das 9h30m, após o intervalo das 9h15, fui apresentado para os alunos surdos em uma sala de aula, onde aplicam o ensino de Libras, e nesse dia estava com o total de 16 alunos, meninos e meninas, de idades entre 04 anos a 21 anos. Para a minha apresentação estive com a ajuda de uma intérprete, a própria pedagoga da escola.

Os contatos com os alunos foram da seguinte maneira: o estagiário e a intérprete na frente do quadro e os alunos sentados ao redor olhando para nós. Naquele momento enquanto falava, era interpretado em libras, expliquei sobre quem eu era, minha formação que é em educação física, experiência com a dança breaking, e que recentemente estive compondo a noite de gala do maior festival de danças do mundo “Festival de danças de Joinville”. Os alunos naquele momento ficavam com a expressão facial, como se estivessem e realmente estavam, impressionados e muitas perguntas aconteciam, tais como:

- Quando o professor começou a dançar? O Professor já foi para os estados unidos (umas 3x)? O Professor é famoso? Qual foi o maior troféu que o professor ganhou? Já viajou para outros países? Já foi para quais lugares? Rap é a mesma coisa? E várias outras...

Fiz uma apresentação prática da dança breaking para eles conhecerem pessoalmente o que eles iam aprender. Eles se impressionaram, tanto que nos vídeos gravados os alunos até gritam, alguns falando: - “*Meu, ual, ooh...*” e também aplaudiam.

Na primeira interação entre estagiário, intérprete e os alunos, voltava os braços para trás por medo de fazer algum gesto que não seja do mesmo entendimento do deles, mas eles alegravam a aula com as perguntas e até as professoras riam. Os menores já estavam tentando imitar os passos de dança, pois antes de apresentar, estava alongando, e eles vendo.

Nesse dia era lembrado do que foi ensinado no módulo de libras, na universidade, um “BOM DIA”, dizer “OI”. Era entendido que nem todos os surdos são mudos realmente, alguns possuem perdas auditivas severas, outros com perda parcial, tudo dependendo do grau da surdez, há também o desenvolvimento da fala, mas alguns sons podem ser confundidos, como por exemplo: FACA ser entendido como VACA; de acordo com a informação que a diretora da escola orientava. Após a

apresentação da dança, havia mais aproximação e aceitação deles para com a proposta do estagiário.

Na sequência foi feito um planejamento para realização de 9 aulas voltadas especificamente ao ensino da dança breaking, a partir da experiência vivida foi possível analisar alguns aspectos importantes que relatamos na sequência divididos nos seguintes tópicos: Conhecimentos Adquiridos; Dificuldades Para Implementação Do Ensino Da Dança; e Benefícios e Possibilidades da Dança Break para o Aluno Surdo.

4.2. Conhecimentos adquiridos

Na primeira aula de ensino da dança, do dia 28 de setembro, haviam 12 alunos, de 4 a 21 anos. Um dos conhecimentos adquiridos, logo cedo, foi da demonstração do nome do estagiário para os alunos e eles aplaudiram fazendo sinal que estava correto e muito sorriso havia por parte deles, a professora que interpretava também dizia que estava correto. A demonstração foi essa: - *Bom dia! Meu nome é Fabricio!*

A organização foi com os alunos menores na frente e os maiores para trás. A Professora, por possuir experiência com o ensino do ballet, mostrou como colocar os alunos surdos de forma organizada, utilizando fita crepe no chão e cada aluno sobre um pedaço da fita no chão para marcar sua posição. E este foi o segundo conhecimento adquirido por parte do estagiário.

A aula prática foi referente ao “2-Steps” dois passos, e trabalho de coordenação motora grossa, tal como a utilização dos braços ao dançar. Após o entendimento do fazer os passos, era utilizado os braços para desenvolver a criatividade em fazer alguma pose diferente dançando.

Quando era necessário produzir os passos para o lado esquerdo, utilizava-se a mão e braço esquerdo com a direção para a esquerda e para o lado direito, com a mão e braço para a direita. Assim eles entendiam mais rápido para qual lado começar. Era realizado ao fim da aula, uma roda conhecida no mundo dos “bboys” como *Cypher* para que os alunos pudessem desenvolver o que aprenderam, também usar do momento para estimular a criatividade e espontaneidade.

Um conhecimento adquirido, experimentado nessa 1ª aula e reproduzido em todas as aulas, foi de sentar os alunos em círculo na sala e fazer um momento sobre o relato da aula por parte dos alunos, citando pontos positivos, o que aprenderam, e

eles diziam: - *A Aula foi muito legal! Eu consegui fazer os passos! No começo parecia difícil, mas foi fácil!*

Na aula do dia 03 de outubro, haviam 15 alunos, foi desenvolvido o conceito e história sobre a cultura hip hop, dança breaking. Elaborada em slides do powerpoint reproduzida pelo projetor da escola, com alguns tópicos, boas imagens da época, tendo boa participação dos alunos com perguntas, todas elas tendo o apoio da intérprete. Muitos alunos disseram que entenderam sobre a história. Logo em seguida, no momento da prática, após ligar o som, em uma certa elevação de volume, notou-se que muitos alunos demonstraram agitação, alegria, apresentando pela expressão corporal que, estavam escutando e sentindo a música, relatado também pela intérprete, porém alguns alunos apenas. Nessa aula os alunos avançaram do “2-steps” para “4-steps”, quatro passos básicos, porém, que dão todo auxílio para o iniciar a dança breaking.

No terceiro encontro, 10 de outubro teve a participação de 17 alunos, a aula foi elaborada em continuação dos passos aprendidos nas aulas anteriores, porém, unindo o 2-steps com o 4-steps. Em um determinado momento da aula, uma professora, solicitou que pensasse em fazer demonstrando os passos com os dedos da mão, para melhor entendimento. Foram separados em equipes, cada equipe apresentando em conjunto os passos desenvolvidos em aula. Após a apresentação, houve a realização da cypher no qual, todos os alunos participaram, realizava-se os passos do estagiário junto com os que estavam com mais dificuldades para que em certo momento de confiança na roda, o estagiário saia e o próprio aluno ficava. Os alunos que estavam ao redor eram ensinados a animar quem estava dançando no centro.

No quarto encontro, do dia 17 de outubro, haviam 18 alunos, porém nesse dia estavam muito agitados, todos foram levados para a quadra para a realização do segundo fundamento da dança breaking, de nome Foot Work, trabalho com os pés, utilizando as mãos ao chão, 6 steps. Foi explicado passo a passo, demonstrado pelo estagiário, enquanto os alunos tentavam repetir. Em alguns momentos parava-se a explicação prática e era conversado, através da intérprete, para buscar entender melhor os passos, por se tratar de mais dificuldade. Alguns alunos puderam aprender com mais facilidade do que outros.

No quinto encontro, 24 de outubro, com a presença de 17 alunos, foi acertado em sala com os alunos para haver dedicação e cooperação de todos, por motivo da

aula passada, alguns estarem muito agitados dificultando para outros. A aula de realização na quadra, esteve mais organizada, com separação de equipes por faixas etárias, sendo o total de 4 equipes, cada uma com um número. Exemplo: Equipe 1, 2, 3 e 4. O estagiário passa por cada equipe, ensinando passo a passo do foot work, logo após, foi dado um tempo para cada equipe praticar pois ao fim, do nº 1 até a 4 equipe realizavam uma apresentação dos passos aprendidos.

Na aula do dia 31 de outubro, esteve a participação de 20 alunos, no qual logo de início foi realizado a Cypher, para lembrar dos passos aprendidos. Após a roda, os alunos foram separados, 2 equipes de 3 pessoas e o restante de plateia para uma simulação de batalha de dança. Os alunos foram escolhidos pelo estagiário e nivelados, os que estavam mais avançados iam junto com o que estava menos, tendo um trio de cada lado nivelado. Quem impressionou nessa aula, foi um aluno obeso que no início mais observava as aulas, participou das últimas e quis participar da batalha. Ele apresentou um desenvolvimento no entendimento de alguns passos básicos e arriscou lançar-se ao chão com movimentos conhecidos como “HandStand” que no linguajar, chamam de “bananeira” ou como alguns pais dizem “está de pernas para o ar”. Este aluno pela atitude, animou todos da sala e apresentou na prática que também podia fazer.

Em 07 de novembro, a aula foi realizada em uma sala menor, a da dança com piso de madeira, porém dos 15 alunos presentes no dia, apenas 9 puderam participar e os demais estiveram com outras atividades com as professoras. Lá o conhecimento adquirido foi de que, ao ligar o som, o piso sofre vibrações em que os alunos sentem elas e alguns ouvem a música, porém, o som precisa estar com o volume elevado, não relatando aqui os decibéis exato do som a partir da expressão dos alunos que apresentavam a reação da música. Os alunos nesse dia aprenderam a realizar um solo de cada, como se estivessem no palco, utilizando expressões faciais, poses, entradas e saídas, mais os passos aprendidos em aulas.

Na penúltima aula, 17 de novembro, dessa vez realizada em uma sexta-feira, apenas estavam presentes 9 alunos. Como fora essa aula, só haveria mais uma, foi acertado que apenas os 9 alunos apresentariam na festa de natal dos surdos em dezembro. A aula foi na quadra da escola, pois havia o planejamento da apresentação ocorrer na quadra da escola mesmo. O conhecimento adquirido nesse dia foi de iniciar a coreografia em conjunto com os alunos, utilizando música, porém utilizando da contagem musical para a entrada em cada momento da música. Pois alguns alunos

não ouvem a música, mas para isso o trabalho do estagiário de ouvir a música por completa inúmeras vezes, contar cada tempo para separar a entrada de cada aluno. Realizado o início da coreografia neste dia, com o apoio da direção da escola e da professora-intérprete, que nesse dia a intérprete foi a própria direção.

No último dia, 21 de novembro, em uma terça-feira, os alunos que não estavam presentes na aula anterior, estavam presentes nessa, porém, como havia sido acertado apenas 9 para apresentação, os demais assistiam. Estavam aproximadamente 15 alunos todos na quadra da escola, juntamente com vários professores da escola. Um dos 9 alunos, ele possui uma experiência com dança, pois pratica em casa, vendo vídeos na internet, porém, sem contato direto com alguém experiente na área. Isso foi bom para a coreografia, ele como centro do conjunto na coreografia, dando total participação na aula. Em seguida, foi acertada a coreografia com os alunos, cujos passos foram adequados às dificuldades de cada um. Em relação ao nome da música a ser dançada (*“Todo gigante irá cair - Every giant will fall” da banda americana Rent Collective*) trata-se uma alusão as barreiras que “caíram”, ou melhor, foram superadas, na ocasião em que se propuseram a aprender um estilo de dança diferente para apresentá-la ao público durante festividade de final do ano da escola Nydia Moreira Garcez.

4.3 Dificuldades para Implementação do Ensino da Dança

Nos primeiros contatos com os alunos, enquanto a intérprete, interpretava a minha fala em libras, eu estava naquele momento com os braços para trás, com medo de fazer algum gesto com as mãos que os alunos viessem a entender outra fala.

A partir do primeiro contato com os alunos, pensei em fazer aulas teóricas ou práticas para iniciar, mas não estava certo de como ensinar a dança pois o que pensava era que eles não ouviriam nada do que era falado, nem a música, como os alunos que já havia trabalhado.

Nos primeiros contatos de ensino prático da dança breaking, no dia 28 de setembro, haviam 12 alunos, de 4 a 21 anos, a dificuldade era de como organizar todos os alunos em uma sala cujo espaço não era grande, e esse público ser surdo e com faixas etárias diferentes, meninos e meninas, sendo alunos com 4 anos, 13, 15, 19, 21. Como poderia ensinar todos juntos?

Na aula do dia 03 de outubro, havia aumentado o número de alunos para 15, a dificuldade nesse dia era de como desenvolver o ensino teórico da dança, sendo que não seria uma fala do estagiário diretamente para eles e sim através da intérprete, se entenderiam como era esperado. Também nesse dia, houve uma preocupação com os 4 steps no início da prática, pois os menores de 4 e 5 anos não tinham o mesmo ritmo dos demais alunos, de faixa etária mais elevada.

No terceiro encontro, 10 de outubro obteve a participação de 17 alunos, a aula foi elaborada em continuação dos passos aprendidos nas aulas anteriores, porém, a dificuldade era que alguns alunos estavam a primeira vez e ainda não haviam entendido alguns passos. Precisando ser repetido várias e várias vezes, até que uma professora solicitou que demonstrasse os passos através das mãos, uma mão sobre a outra, utilizando os dedos para demonstrar os movimentos dos passos, para melhor entendimento, tendo que reformular meu planejamento inicial de passar os passos em conjunto para todos os alunos, dividindo-os em grupos, focando nos que estavam com mais dificuldades.

No quarto encontro, do dia 17 de outubro, que havia 18 alunos, e estavam muito agitados, foi uma grande dificuldade de conduzir a aula. Os menores estavam dispersos e chorando, dificultando a atenção dos maiores. O Trabalho de foot work exige uma atenção redobrada, como eram muitos alunos para passar o conteúdo e a agitação estava grande no momento, nesse dia a dificuldade foi grande de poder ter a atenção de todos.

No quinto encontro, 24 de outubro, com a presença de 17 alunos, foi acertado em sala com os alunos para haver dedicação e cooperação de todos e a dificuldade foi de conseguir separar os alunos em equipes, ter a atenção e dedicação dos mesmos.

Na aula do dia 31 de outubro, que houvera a participação de 20 alunos, a dificuldade foi de ensinar os alunos a entenderem sobre como batalhar, que era entrada de 1 contra 1, algumas vezes se perdiam no ataque e resposta, entrando duas vezes o mesmo, tendo o papel do estagiário de intervir explicando novamente.

Em 07 de novembro, a aula foi realizada em uma sala menor, a da dança com piso de madeira, a dificuldade primeira, foi de não poder dar aula para os 15 alunos por conta do espaço, atendendo apenas 9 alunos. Lá também não estava muito claro o entendimento das vibrações do piso na prática, como o aluno sentia essa música através do piso de madeira.

Na penúltima aula, 17 de novembro, dessa vez realizada em uma sexta-feira, com os 9 alunos, a dificuldade maior foi de conseguir encaixar os alunos nas contagens musicais, sendo que parte dos alunos não ouviam a música. Tendo que ser feita várias vezes propriamente pelo estagiário, para que pudessem entender.

No último dia, 21 de novembro, em uma terça-feira, terminar a coreografia com a participação e entendimento dos alunos, foi uma grande dificuldade, pois já era sabido que era a última atuação do estagiário para com os alunos, para deixá-los preparado para a apresentação do mês que viria em sequência.

Considerando as dificuldades relatadas, uma diferença que foi encontrada entre o ensino da dança breaking para ouvintes em contraste ao ensino para os surdos, nessa nova experiência, é que quem precisou ser incluso foi o próprio estagiário, pois estava em ambiente de alunos surdos, e a forma de se comunicar é outra. Para isso tendo que ser um estudo e um processo de aprendizagem diferente, cujo a própria experiência, na prática, trazia sempre um novo aprendizado tanto para com os alunos quanto para o estagiário. Ademais, ministrar aulas para alunos surdos com faixas etárias diferentes, com coordenação motora distinta, bem como a falta de fluência em Libras, foram grandes desafios, uma vez que notou-se que apenas a demonstração dos passos, acreditando que “eles aprendem vendo”, não era o suficiente, precisando, assim, de todo um amplo contexto envolvido: interação, momentos de diversão na aula, espontaneidade, cooperação, diálogo em rodas (com a presença de intérpretes), são instrumentos cruciais no aprendizado.

4.4 Benefícios e Possibilidades da Dança Breaking para o Aluno Surdo

Através das vivências realizadas, aqui relatadas, pode-se dizer que é possível trabalhar a dança breaking com alunos surdos. Importante ter em mente algumas anotações que podem possibilitar o ensino da dança para surdos: Amar o que se faz, pois quando se ama, há uma necessidade de procurar por meios de poder dar continuidade com aquilo que faz bem. Ter comunicação com os alunos, se não tiver uma comunicação direta, tenha uma intérprete ao lado, não pense que os alunos somente vendo o movimento eles irão aprender e entender a dança, é necessário ter comunicação com os alunos, ser provocativo, fazer que o processo de aprendizagem se torne cada vez mais instigante de ser entendido. Conheça e permita ser conhecido pelos alunos, isso os deixam mais confiantes em realizar as aulas. Estude e planeje

as aulas antecipadamente, ter que mudar alguns detalhes nas aulas acontecem, porém, planeja tudo antes.

Antes de iniciar as atividades da dança, a expectativa era de que os alunos somente vendo os passos aprenderiam e iriam gostar, porém, notou-se que se continuasse com esse pensamento as aulas seriam desgastantes, pois muitas vezes era necessário voltar o passo, por não entenderem. Trazer em cada aula o ensino técnico, é importante, mas também fazer rodas onde eles expressam o prático da dança do modo em que eles entenderam no momento, ter roda de conversa deixando que os alunos falem os pontos positivos, dificuldades que tiveram na aula, a torna mais gratificante, compreendida e entendida tanto pelo professor, quanto pelos alunos e assim consegue avançar em cada aula.

O Trabalho de Foot work é necessário um espaço adequado para a quantidade de alunos que for trabalhar. Se for trabalhar vários alunos juntos, dar uma atenção para quem estiver com mais dificuldade, separar também em equipes, por exemplo, se na sala tiver 12 alunos, separar de 3 a 3 alunos, pela faixa etária e também observar a coordenação motora, pois se colocar um aluno com uma boa coordenação ao lado de um que é necessário repetir várias vezes o movimento, o outro normalmente cansa de esperar. Numerar cada trio como 1, 2, 3 e 4, ensinar trio a trio e depois chamar cada trio e pedir que façam uma apresentação do que aprenderam, faz com que lembrem do que aprenderam e como vão apresentar, pois não estão apenas sozinhos e desenvolvem melhor.

Após algumas aulas ministradas, tendo confiança e amizade dos alunos, buscar trabalhar expressão corporal ao se apresentar utilizando outros alunos da sala como público, podem os tornar mais livres e confiantes para uma apresentação futura, como aconteceu no estágio aqui relatado, mas antes mostrar como faz é muito importante, o aluno precisa ter o professor como referência. Saber dançar esse estilo é essencial, para poder ensinar da melhor forma possível.

Para trabalhar a coreografia, o professor precisa entender sobre contagem musical, no caso se for passar alguma música específica, precisa saber todas as contagens da música, para assim buscar encaixar os passos em conjunto, ou trio, duo, solo. Ter tempo de introdução, desenvolvimento e conclusão da coreografia, fazer com que a coreografia tenha sentido e utilizar do potencial que cada aluno obtivera no decorrer das aulas. Há a possibilidade de que um aluno fique bom apenas no top rock que é a dança em cima, de pé, e outro aluno que além do top rock, também consegue

desenvolver bem o foot work, outros fundamentos, ou tem experiência com outras danças, que a partir da análise do professor, poderá incluir esses potenciais na coreografia, tendo um trabalho de coreografia mais completa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi de verificar as possibilidades e dificuldades de uma experiência de ensino da Dança Breaking para alunos surdos em uma escola estadual bilíngue na cidade de Paranaguá, PR. Neste sentido, de acordo com os autores pesquisados, a dança é crucial para o reconhecimento de corpo e mente, de modo que trata-se de um instrumento que possibilita a corporeidade através do desenvolvimento: da linguagem quando os faz se expressar através de movimentos, característica de extrema importância para eles; do entendimento sobre diversidade entendendo assim que todos possuem necessidades diferentes; da cognição se tornando um ser pensante em todos os aspectos da vida; e da sua criatividade se tornando mais livres no seu processo de criação na dança breaking.

Com base nos relatos apresentados nesse trabalho, é possível apontar algumas considerações importantes para quem for desenvolver o ensino da dança breaking para alunos surdos: Amar o que se faz, ter comunicação direta ou indireta através de intérprete, se não souber Libras. Conhecer e permitir ser conhecido pelos alunos para obter um ambiente mais agradável e de maior confiança, estudar e planejar as aulas antecipadamente, conhecer os espaços a serem utilizados para ensino, ter paciência com o processo de aprendizagem de cada aluno, buscar incluir todos que querem aprender, trabalhando não somente o técnico, mas também a cooperação e interação entre os alunos, e o mais importante: ter um feedback dos alunos no final de cada aula, para que possam ser superadas quaisquer dificuldades.

Apesar de não ter sido encontrado bibliografias específicas acerca da dança breaking para os surdos, bem como diante da dificuldade de entender como avaliar o desenvolvimento dos passos com a utilização de músicas a qual, muitas vezes é afetada por conta da surdez, verificou-se que se trata de uma questão de adaptação e estudo diário, uma vez que no desenrolar das aulas ministradas, os alunos mostraram interesse nas aulas

Portanto, diante de uma proposta de conhecimento para a realização do ensino da dança breaking para o público surdo, abre-se a possibilidade ao profissional de Educação Física levar esta modalidade de dança para alunos surdos, haja vista que, com o estudo dos autores supracitados ao longo do trabalho, abordou-se a melhor forma possível para desenvolvê-la, e conseqüentemente, ter um resultado gratificante, como houve no estágio realizado.

REFERÊNCIAS

ALVES, S. F.; DIAS, R. *A Dança break: corpos e sentidos em movimento no Hip- Hop*. Rio Claro: UNESP, 2004. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.10, n.1, p.01-07, jan/abr. 2004.

ALVES, C. K. L.; PINTO, M. R. F. *O surdo e a prática de atividades físicas mediada por um educador físico*, **Afluente, Revista Eletrônica de Letras e Linguística**, UFMA/Campus III, v.1,n.3, p.98-115, out./dez., 2016.

ALVES, P. K.; SANTOS, F. L.; CARVALHO, S.; *A Importância Da Dança Para O Reconhecimento Dos Surdos Sobre a Sua Corporeidade: Um Relato de Experiência*. **CONCOCE / CONDICE 2010, IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte**, Brasília, DF, 22 a 25 set., 2010.

BRASIL, Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/2002/l10436.htm Acesso em: 05 set. 2017.

BRASIL, Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de dezembro de 2000. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dezembro. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm Acesso em: 05 set. 2017.

DIAS, Cristiane Correia. A telescopia histórica do break: no ritmo das ruas.... In: ANAIS DO PRIMEIRO COLOQUIO INTERNACIONAL CULTURAS JOVENS AFRO-BRASIL AMERICA: ENCONTROS E DESENCONTROS, 1., 2012, São Paulo. Proceedings online... Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Available from:

http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000132012000100005&lng=en&nrm=abn Acesso on: 13 Nov. 2016.

JOSSO, Marie-Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 2, p.11-23, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v25n2/v25n2a02.pdf>.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo, SP: Ed. Cortez, 2004.

SANTOS, S. A. “**Dança de Rua: A dança que surgiu nas ruas e conquistou os palcos**”. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SKATE4LIFE.COM.BR, KANUI. Disponível em: <http://www.skate4life.com.br/afrika-bambaataa-zulu-nation-hip-hop/> Acesso em 01 de Junho de 2015.

STROBEL, Karin, **História da educação dos surdos**. Licenciatura em Letras-Libras, modalidade a distância. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 12.ed. São Paulo: Cortez, 2003

VALDERRAMAS, C. G. M.; HUNGER, D. **Origens Históricas do Street Dance**. Rio Claro: UNESP, 2007 Professores de Street Dance do Estado de São Paulo: formação e saberes. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 15, n.3, p. 515-526, jul./set., 2009.

ZENI, B. O Negro Drama do Rap: entre a lei do cão e a lei da selva. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, jan./abr. 2004.

Documentário

THE FRESHEST KIDS: A HISTORY OF THE B-BOY, Direção: Israel, Elenco Afrika Bambaataa, Mos Def, Frosty Freeze, Hool Herc, Crazy Legs, London. Estados Unidos, 2002.